

Parque Aquilino Ribeiro

Entrada Livre

JAL

Jardim das Artes e das Letras

25 jun__05 jul^{'26}

DOSSIER DE IMPRENSA



JAL

Jardim das Artes e das Letras

JAL'26 – momento II

JAL'26 momento II

JAL inaugura o segundo momento, dotando o Parque Aquilino Ribeiro de **catorze estruturas e esculturas permanentes**, que não se oferecem como simples objetos no espaço, mas instigam **um novo modo de habitar**. Um habitar desabitado das pressas, uma presença que convoca à lentidão e à atenção silenciosa.

Ao lado dessa presença sólida, surgem outras práticas que ampliam o campo do sensível: catorze oficinas, distribuídas por trinta e uma sessões, cuja oferta de trezentas e sessenta e seis vagas, **abrirá espaços reais para o encontro, o fazer com tempo e o aprender sem urgência**. **Cinco concertos e três instalações de *new media*** entram no jogo, desafiando a percepção digital pela sua quietude quase meditativa. **Duas performances** que se inscrevem nas artes visuais e na literatura, outras duas que se lançam pela encenação teatral — todas elas encontros que interrompem o fluxo frenético do visível e do audível.

Um ***geocash* poético** ativado diariamente, um itinerário que, alojado no corpo e no espaço, se oferece com a leveza de um sussurro, tornando-se um exercício de poesia, de escuta e lugar.

Uma ***soundwalk***, com oito sessões, convida a um percurso onde o som deixa de ser ruído e torna-se mundo, paisagem e presença. Por fim, momentos de cinema ao ar livre apresentam longas metragens sob o céu, que é também tela, campo amplo de uma atenção expandida, combinando a luz cênica com a textura das árvores centenárias.

A tipologia das atividades artísticas e culturais e objetos **configuram um programa de resistência**.

Resistência a essa **hiperexposição digital e à sobrecarga de produção cultural anódina que caracteriza o presente**. **Resistência à velocidade que dissolve e dispersa, e que impõe o flash e o efêmero**.

Aqui, regra é a calma: a apreensão lenta dos conteúdos, a digestão cuidadosa desses afetos e ideias. Um gesto deliberado de desaceleração onde o tempo da arte se rege por outra medida. Essa medida que não pede licença ao digital, que não se dobra ao sucesso imediato, mas que se ergue no silêncio, na observação na escuta e na espera.

A cultura, assim, não se consome, deixa-se habitar. É a experiência do estar e do ser, do suspender o instante para que ele possa ser mais isso: um espaço aberto, uma promessa de sensações e sentidos.

Um convite, por fim, a habitar o presente com generosidade e plena atenção, como quem escreve, página a página, um poema que ainda não existe.

Boas viagens.

JAL'26

Estruturas permanentes - 14

Atividades diárias - 54

1. Oficinas criadas para JAL – 14 | n.º de sessões 31 - 378 vagas
2. Concertos - 5, todos com vídeo em palco com ecrã de 10m
3. Instalações *new media* - 3
4. Performances artes visuais/texto – 2
5. Performances /teatro – 2
6. Geocash/ poético – 1 e é ativado diariamente
7. Soundwalk – 1 com 8 sessões
8. Cinema ao ar livre – 2 longas metragens

ARTISTAS EM FOCO

Manuel Alvess e Adília Lopes



No universo artístico português contemporâneo, há encontros que não se fazem por acaso, nem sequer por curadoria, mas antes pela afinidade de uma sensibilidade que partilha o olhar sobre o mundo e a forma de o traduzir. É o caso de Manuel Alvess e Adília Lopes, cujas obras, apesar dos suportes diferentes, pode-se estabelecer um diálogo e que este ano o Jardim das Artes e das Letras pretende explorar.

Manuel Alvess desenha o mundo de quem conhece o poder do traço mínimo. Cada linha sua, quase esquemática, instala um espaço onde o exato é pleno de significado, onde o que é quotidiano se torna cenário para um comentário subtil e lucidamente irónico. A obra de Alvess não se limita ao visual; ela fala, sussurra, ri e provoca.

Adília Lopes, por sua vez, escreve com a mesma economia e intensidade, utilizando a palavra como corpo e espaço, num gesto arqueológico que cava nas coisas comuns para lhes dar uma voz urgente, humana e por vezes mordaz. A sua poesia é coloquial, sim, mas sempre com um fio que a liga à reflexão crítica e à sensibilidade poética.

É nessa intersecção, entre o corpo da palavra e o corpo da linha, que o JAL programa a partir da obra destes dois criadores. A obra de ambos constitui um convite à desaceleração, à atenção ao detalhe, ao poder da ironia e da simplicidade enquanto ferramentas que rompem as barreiras entre artistas e públicos.

Esta relação criada pelo JAL é também um ato de resistência. Uma resistência à erudição inacessível da arte e da poesia, ao formalismo vazio. Manuel Alvess e Adília Lopes reclamam para o trivial o lugar onde se pode narrar a condição humana.

O Programa de JAL'26 celebra os artistas pelo seu contributo à quebra de convenções e experimentação na arte, com humor e ironia, com simplicidade e minimalismo expressivo, valorizando o seu olhar sobre o quotidiano, a interseção da palavra e da imagem, e a expressão da intimidade e do corpo.

Porque, afinal, tanto o traço como a palavra são corpos que habitam o mundo e desafiam o olhar desatento.

Artes Visuais

1) Quem é Manuel Alvess? O artista dos artistas

“A obra de Manuel Alvess (1939-2009) constitui uma presença singular na arte contemporânea portuguesa, cuja prática atravessa múltiplos suportes - da fotografia ao desenho, da escultura à arte postal, da performance à pintura - numa incessante investigação sobre os limites e as definições da própria arte.

Nasce em Viseu, e com 24 anos emigra para Paris, em 1963, fugindo ao regime ditatorial de Salazar. Manuel Alvess inscreve-se numa genealogia de artistas expatriados que, embora confrontados com a exclusão dos circuitos oficiais, optam por estratégias autónomas de produção e circulação da obra. A sua participação em salões múltiplos e exposições plurais cedo lhe granjeou um reconhecimento que, não obstante, manteve um carácter marginalizado face à institucionalização artística dominante.

A sua estadia em Portugal após a Revolução dos Cravos, ainda que breve, marca uma etapa decisiva, com a sua integração em projetos como a Alternativa Zero ou os 4º Encontros Internacionais de Arte, locais de efervescência experimental que reforçaram as suas ligações no circuito internacional de arte postal. Premiado em 1968 no *Salon des Surindépendants* e presente na Bienal de Paris, Alvess assume uma postura crítica que desafia as fronteiras entre arte e vida, desvelando a artificialidade dos sistemas estabelecidos.

Obras como o *Seizímetro* (1971) e performances como *Les Sept heures de la Biennale* (1971) são paradigmas de uma prática que entende a arte como questionamento radical das suas próprias condições, aproximando-a do legado do Dadaísmo e do Fluxus, bem como da abordagem iconoclasta de Duchamp. A sua produção materializa uma poética da anti-arte, onde objetos lacados como o “*Soleil*” (1981) desconstroem a maleabilidade do suporte como espaço de expressão.

A retrospectiva organizada pela Fundação de Serralves em 2008 que circulou por várias cidades, por Viseu, inclusive constitui um momento-chave para o reconhecimento público de uma obra que, até então, circulava sobretudo em canais paralelos e redes pessoais. A dificuldade de Alvess em integrar-se plenamente no sistema artístico reflete uma condição estrutural de exclusão, que, no entanto, não impediu a constituição de um corpus vasto e rigorosamente preservado, testemunho da sua preocupação com a posteridade e da sua meticulosa prática arquivística.

Manuel Alvess permanece, assim, um exemplo paradigmático do artista que, à margem da visibilidade institucional, resiste através da autonomia criativa e da integridade conceptual, desafiando os cânones e propondo uma reflexão inquieta sobre as fronteiras entre arte, vida e mercado.”

Texto de Anne Bonnin que organizou a primeira exposição individual de Manuel Alvess em Paris, na Galerie
Jocelyn Wolff, em 2026.

A Viseu impõe-se inscrever esta figura maior da arte contemporânea no espaço público da cidade, num gesto que o JAL celebra através de múltiplas expressões. artísticas: teatro, oficinas, performances e instalações e muito mais.

Poesia

2) Quem é Adília Lopes:

A literatura – e a pintura – é, para mim, uma questão de generosidade, de entrega, de optimismo, de a alma não ser pequena.

Adília Lopes

Adília Lopes, pseudónimo literário de Maria José da Silva Viana Fidalgo de Oliveira, nasceu em Lisboa a 20 de abril de 1960 e faleceu na mesma cidade a 30 de dezembro de 2024. Foi poeta, cronista e tradutora portuguesa, reconhecida como uma autora de culto na literatura portuguesa.

Filha de uma bióloga assistente de Botânica na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e de um professor do ensino secundário, Adília Lopes iniciou estudos em Física na mesma universidade, licenciatura que abandonou quase no final devido a uma psicose esquizoafetiva, doença da qual sempre falou abertamente, seja na sua poesia, crónicas, conferências ou entrevistas.

A sua carreira literária começou em 1983, quando concorreu a um Prémio de Prosa da Associação Portuguesa de Escritores, adotando o pseudónimo que a tornaria conhecida. No mesmo ano, enviou poemas à editora Assírio & Alvim, que incluiu dois deles no seu “Anuário de Poetas não Publicados” de 1984. Em 1985, publicou o seu primeiro livro de poemas, “Um Jogo Bastante Perigoso”, em edição de autor.

Ao longo da sua carreira, Adília Lopes **publicou mais de 30 livros de poesia**, incluindo obras como “O Poeta de Pondichéry”, “Manhã”, “Bandolim”, “Estar em Casa”, “Dias e Dias” e “Choupos”. Em 2024, reuniu a sua obra na coletânea “Dobra”, que incluiu poemas inéditos.

A sua escrita caracteriza-se por uma abordagem inovadora e provocadora, explorando **temas do quotidiano com humor, auto-ironia e uma sensibilidade única**. A sua obra foi traduzida para várias línguas, incluindo alemão, castelhano, francês, inglês, italiano e holandês, estando representada em diversas antologias portuguesas e estrangeiras.

Em reconhecimento ao seu contributo literário, Adília Lopes foi homenageada pela Companhia Nacional de Bailado em 2016. Em 2023, foi lançado o Prémio Literário Adília Lopes, no colóquio “Ir à escola com a Adília”, realizado na Biblioteca Nacional de Portugal.

Após o seu falecimento, o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, recordou-a como uma poetisa “única na sua geração e em qualquer geração”, destacando a sua capacidade de oferecer uma visão alternativa do que é a poesia.

“Adília Lopes defendia sempre a comunidade. A sua preocupação com a democracia tinha detalhes incríveis, e essa atenção ao comunitário era uma coisa que a marcava absolutamente”.

D. Tolentino Mendonça

JAL

Jardim das Artes e das Letras

CONCERTOS



SOM | MÚSICA | CONCERTO: Sinfonia da Natureza

Sinopse: Em palco, Miguel Berkemeier alterna entre violino, guitarra e piano num "dueto" consigo próprio, com imagens do património natural de Portugal em background. O repertório percorre a Música Clássica, o Folk, a World Music, o New Age e o Metal, com um carácter vincadamente cinematográfico. Um concerto para quem gosta de música que conta histórias.

Duração:

N.º de Sessões: 1

Data:

Local: Parque Aquilino Ribeiro

Público-Alvo: Geral

Autor: Miguel Berkemeier

Miguel Berkemeier (1999) é um compositor e multi-instrumentista português nascido em 1999, com a natureza como fio condutor de tudo o que faz — não por acaso, é também biólogo de formação. Toca violino, guitarra e piano, e canta. Compõe para documentários, bailados e teatro, com trabalhos ao lado de Eduardo Rego, Benvindo Fonseca, a Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo e Ivo Alexandre/São Luiz. Foi semifinalista do Got Talent Portugal e do Festival da Canção de São Marino, tendo atuado por todo o país e já levou a sua música a vários pontos da Europa e à Coreia do Sul. No

YouTube, mais de 16 mil subscritores de todo o mundo acompanham o seu trabalho, maioritariamente filmado e editado pelo próprio.



SOM | MÚSICA | CONCERTO: REBELO SPEERS WATERS TRIO

Sinopse: Esta música começa pela escuta - uma micro-escuta curiosa perante as sonoridades, intencionais ou acidentais. Vive do espaço, do silêncio e da interação, resultando numa dinâmica conversacional entre os três músicos: diálogos simultaneamente lógicos e díspares, entre frases partilhadas e caminhos separados, convergentes ou divergentes.

É uma música abstrata cujos idiomas musicais - as margens do jazz, a música antiga, a electroacústica, o ritmo africano, o minimalismo e o drone - surgem semi-ocultos, como silhuetas de móveis cobertos por lençóis: transformados, mas reconhecíveis. A prática é improvisatória e oscila entre repetição obsessiva e mudança, numa luta constante entre estase e movimento, com o piano, a bateria e o contrabaixo como base para intervenções com objectos e dispositivos que expandem a sonoridade do trio.

Duração: 50/60 min aprox.

N.º de Sessões: 1 **Data:** 4 de julho

Local: Parque Aquilino Ribeiro

Público-Alvo: Geral

Autores: Pedro Rebelo, Michael Speers e Simon Waters

Pedro Rebelo é compositor, improvisador, artista sonoro e investigador cujo trabalho abrange composição, som imersivo, escuta aumentada e arte de intervenção social, com projetos participativos financiados pelo AHRC em Belfast, Portugal, Brasil e Moçambique, resultando em exposições por toda a Europa, Brasil e África. A sua música foi apresentada no Melbourne Recital Hall, no National Concert Hall de Dublin, no Queen Elizabeth Hall, na Ars Electronica e em festivais como Wien Modern, Huddersfield, Warsaw Autumn, Cynetart e Música Viva. Colaborou com músicos como Chris Brown, Carlos Zingaro, Evan Parker e Pauline Oliveros. A sua ópera *Blown Off Course* estreou em Lisboa em 2023. Rebelo ocupou cargos de professor visitante na Universidade de Stanford, na UFRJ e na Universidade Nova. Na Queen's University Belfast, desempenhou funções de liderança sénior e tornou-se Professor de Artes Sónicas em 2012. Desde 2021, dirige o SARC, liderando o seu relançamento no 20.º aniversário, tendo atraído investimento significativo em infraestruturas.

Michael Speers (1992) é baterista, artista sonoro e investigador natural do Condado de Down, Irlanda. Atualmente é doutorando no SARC: Centro de Investigação Interdisciplinar em Som e Música, em Belfast. A sua prática incorpora percussão, feedback, síntese digital e som ambiental na criação de performances improvisadas, instalações sonoras site-specific e composições eletroacústicas. Tem atuado internacionalmente em espaços como: Café OTO, LOM, Les Instants Chavirés, Les Ateliers Claus, Morphine Raum, SARC Sonic Lab, National Concert Hall (Dublin) e no Festival Sonic Acts. Gravações publicadas pela Anòmia, C.A.N.V.A.S., Party Perfect!, Wasted Capital Since 2013, Takuroku, Krim Kram e Feedback Moves.

Simon Waters é compositor, improvisador, intérprete e construtor de instrumentos que ganhou destaque nos anos 1980 como compositor de música eletroacústica, colaborando com várias companhias de dança contemporânea de referência. Waters integrou a equipa do SARC em 2012, assumindo de imediato o cargo de Director do Festival Sonorities. Enquanto programador, trabalhou com a Fylkingen (Estocolmo) e o Ultima Festival (Oslo), e foi responsável pela programação da série Sonic Arts em Norwich durante mais de 15 anos, produzindo mais de 100 concertos. Desde 2016, é também Investigador Associado do Orpheus Institute de Ghent. Tem sido uma figura central na gradual transformação e crescimento da música eletroacústica no âmbito das «Artes Sónicas», influenciando consideravelmente a expansão desta área no ensino superior no Reino Unido. A sua investigação atual explora as continuidades entre o tato e a audição, e debruça-se sobre o espaço entendido como algo que é informado pela presença humana e que a informa, em vez de o conceber como um simples «parâmetro» neutro. O seu trabalho de base prática é contrabalançado por um interesse no entrelaçamento histórico da música com as tecnologias. Tem improvisado, de uma forma ou de outra, ao longo de praticamente toda a sua vida.



SOM | MÚSICA | CONCERTO: STRATA

Sinopse: Ao fechar-se um ciclo de dez anos, uma visão ampla e agregadora das obras de Joana Gama e Luís Fernandes fortalece a leitura do seu lugar ímpar no contexto musical português - e não só. Vale a pena recuperar os diferentes passos discográficos que marcaram esta primeira década: Quest, Harmonies, At the still point of the turning world, Textures & Lines e There's no knowing, um disco após outro profusamente iluminado pela vontade de fazer novo e diferente. Pelo meio, outras missões de composição para cinema, artes performativas ou televisão, provando a elasticidade de uma formação que nutre natural atração pelos desafios artísticos. Então, em tempo de inevitável balanço, Joana e Luís regressam simbolicamente ao momento inicial da sua colaboração, trabalhando com o cineasta Eduardo Brito, autor da capa de Quest e das primeiras fotografias do duo, assim como Suse Ribeiro e Frederico Rompante, criadores dos desenhos de som e de luz, respetivamente, dos seus concertos. Habitando este espaço de diálogo entre luz e imagens, ouviremos Strata, a nova obra de Joana Gama e Luís Fernandes para piano, eletrónica e múltiplas camadas de sons recolhidos em diversos pontos do globo. [Pedro Santos, Culturgest]

Duração: 55 min

N.º de Sessões: 1

Data: 27 de junho

Público-Alvo: maiores de 6 anos

Autor: Joana Gama e Luís Fernandes

Co-produtores: Casa das Artes de Famalicão, Culturgest, Teatro das Figuras, Teatro Municipal do Porto, Theatro Gil Vicente

Joana Gama (Braga, 1983) é uma pianista portuguesa cujo trabalho se desenvolve na relação com diferentes formas de expressão artística. Fascinada pela ideia de música quase silêncio, ou música que convida à contemplação, tem interpretado obras de Erik Satie, John Cage, Federico Mompou e Hans Otte. O ecletismo do seu trabalho é visível nas criações dos últimos anos: fez um concerto-ritual no MAC / CCB com música de Erik Satie, compôs e interpretou a banda sonora do filme KORA, da realizadora Cláudia Varejão, criou uma audiowalk para o Treetop Walk do Parque de Serralves e, entre 2020 e 2025, criou uma trilogia que junta Arte e Natureza para públicos de todas as idades. Em 2014, fundou o duo de piano e electrónica com Luís Fernandes, com quem lançou seis álbuns. Lançado e estreado em Janeiro de 2026 no Festival Musical Utopias, em Haia, «a mind in the heart», um ciclo para piano composto por Ivan Vukosavljević, marca o regresso de Joana Gama à gravação a solo, após «Arcueil» (2019). A discografia de Joana Gama encontra-se nas editoras portuguesas Shhpuma, mpmp, Pianola, Boca/Douda Correria e Holuzam, assim como na Room40 (Austrália), na TRTPK (Países Baixos) e na Grand Piano (Hong Kong).

Luís Fernandes (Braga, 1981) é músico, programador cultural e docente.

Enquanto músico tem desenvolvido trabalho a solo e como membro de múltiplos projetos tendo participado, até à data, em 55 edições discográficas. É elemento fundador da banda peixe : avião, mentor do projecto The Astroboy e Landforms, membro do coletivo La La La Ressonance e do duo Palmer Eldritch. Mantém, desde 2014, um duo com a pianista Joana Gama com o qual colaborou com Ricardo Jacinto, José Alberto Gomes, Drumming GP, Orquestra Metropolitana e a Orquestra de Guimarães. Em 2018 desenvolveu o projeto “Speaking of Chance”, explorando aleatoriedade controlada em sistemas de síntese modular juntamente com André Gonçalves e Lloyd Cole. Colaborou com Rodrigo Leão na composição, interpretação e produção do trabalho Cérebro: Mais Vasto que o Céu, encomenda da Fundação Calouste Gulbenkian.

O âmbito do seu trabalho alarga-se à composição de música para teatro, dança, cinema, vídeo e instalações sendo de destacar o filme Mahjong de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata, apresentado nos Festivais de Cannes e Locarno, a exposição Porto Poetic, de homenagem aos arquitectos Álvaro Siza e Eduardo Souto Moura, na Triennale di Milano, e as peças “Os Três Irmãos” e “Corpo Clandestino” de Victor Hugo Pontes.



SOM | MÚSICA | CONCERTO: KIK - Nightshift

Sinopse: A Horror Vector é uma editora discográfica orientada para a investigação, dedicada a obras em que o ritmo governa o espaço, o eco escreve arquitetura e a voz precede a linguagem. Publicamos música que trata o som como um agente vivo — que se desloca por corpos, salas, antenas, membranas e delays — no limiar entre o sound system, o estúdio fora da rede e o laboratório.

Num mundo hiperpopulado e propenso à desorientação, a Horror Vector opera no vale misterioso da presença humana. "Horror" designa a intensidade do desconhecido a infiltrar-se no sinal; "Vector" designa o portador que o transporta. As nossas edições não ilustram conceitos — instanciam-nos como pressão, ressonância e coreografia.

Duração: 50 min

N.º de Sessões: 1

Data: 3 de julho

Local: Parque Aquilino Ribeiro

Público-Alvo: Geral

Autor: Horror Vector - Jonathan Uliel Saldanha e João Pais Filipe

Jonathan Uliel Saldanha é compositor, artista visual e encenador. O seu trabalho explora temas como a pré-linguagem, a cibernética, o animismo e os ambientes especulativos através da performance sonora e da instalação. Em 2024 apresentou a sua primeira grande exposição individual, SURFACE DISORDER, na Galeria Municipal do Porto, e publicou um livro com o mesmo título, distribuído pela Mousse Publishing. Entre 2020 e 2022, como artista associado do Teatro Municipal do Porto, apresentou obras como Red Mercury, Lithium Faust e Lago Libidinal. O seu trabalho foi apresentado no Museu de Serralves, no Palais de Tokyo e no CCB. Fundador do coletivo SOOPA, Saldanha lidera os projetos musicais HHY & The Macumbas e HHY & The Kampala Unit. A sua música foi

apresentada em festivais como o Unsound, o Roskilde, o Rewire e o CTM, com edições em editoras como a Nyege Nyege, a Tzadik e a House of Mythology. É representado pela Galeria Duarte Sequeira.

João Pais Filipe - Percussionista, escultor e investigador nascido em 1980, João Pais Filipe trilhou um percurso singular, combinando diversas metodologias artísticas ao longo da sua prática e investigação sobre ritmos e timbres. O seu trabalho eclético abrange as linguagens contemporâneas da música eletrónica e concreta até às práticas tradicionais provenientes de geografias diversas. As suas peças resultam de uma exploração de tempos irregulares, na qual procura criar uma fluidez natural através de acentuações e das texturas dos objetos sonoros que recolhe e manipula. Entre estes contam-se gongos, pratos e outros instrumentos de percussão em ligas metálicas, que ele próprio esculpe. Ao longo de duas décadas de carreira, gravou e editou música em nome próprio, bem como através de vários projetos coletivos (como os HHY & The Macumbas), e em colaboração com Valentina Magaletti, Burnt Friedman e Ilpo Väisänen (Pan Sonic).

O trabalho de João Pais Filipe levou-o em digressões pela Europa, América Latina, Ásia e África, com atuações em festivais como o Unsound, em Cracóvia, na Polónia, e o Nyege Nyege, em Jinja, no Uganda. Colaborou ainda com o coletivo mexicano de cinema Los Ingravidos, dando um concerto ao vivo para o filme Teocali, posteriormente editado como banda sonora oficial. Outras colaborações incluem o trabalho com o coreógrafo e bailarino Marco da Silva Ferreira nas peças Terra Cobre e Carcaça. Pelas suas qualidades timbrais e estéticas, as suas esculturas sonoras têm sido utilizadas por outros artistas, entre os quais Marshall Allen (Sun Ra Arkestra), Valentina Magaletti e Jim Sclavunos (Nick Cave & the Bad Seeds).

A **Horror Vector** é uma editora discográfica de investigação para obras onde o ritmo governa o espaço, o eco escreve arquitetura e a voz precede a linguagem. Publicamos música que trata o som como um agente vivo — a mover-se através de corpos, salas, antenas, membranas e delays — no limiar entre o sistema de som, o estúdio off-grid e o laboratório.

Num mundo hiperpopulado e propenso à desorientação, a Horror Vector opera no vale do estranhamento da presença humana. "Horror" nomeia a intensidade do desconhecido que vaza para o sinal; "Vector" nomeia o portador que o transporta. Os nossos lançamentos não ilustram conceitos — instanciam-nos como pressão, ressonância e coreografia.



SOM | MÚSICA | CONCERTO: Carmen Villain

Sinopse: Os diversos universos sonoros que Carmen Villain tem construído ao longo da sua carreira são moldados pela sua curiosidade natural pelo som. A sua música encontra o ponto ideal entre a cadência rítmica e direta do dub e o cosmic fourth world, com fragmentos de instrumentos como a flauta, a voz e o clarinete a criar paisagens sonoras e melodias

Local: Parque Aquilino Ribeiro | **Público-Alvo:** Geral

Autor: Carmen Villain

Carmen Villain constrói mundos sonoros diversos, movidos por uma curiosidade natural que desperta em cada som um pequeno mistério.

A sua música desliza entre o ritmo contundente do *dub* e uma espécie de cosmos acústico, uma geografia do som onde sopros de madeira e fragmentos samplados se aglutinam para dar forma a paisagens sonoras granulares, por vezes inquietantes, outras vezes outras vezes convidativas ao silêncio e à introspeção. O seu mais recente álbum, *Only Love From Now On*, editado pela Smalltown Supersound, recebeu a atenção da crítica pela sua delicadeza e densidade emocional. O EP *Nutrition* leva-nos ainda mais fundo nesse vórtice mutante do dub, uma viagem musical que desafia classificações fáceis. Carmen Villain tem partilhado estas atmosferas vivas em locais e festivais como Berlin Atonal, ICA em Londres, Dekmantel ou Mutek — espaços onde a música é encontrada, perdida e recriada.

Compondo para a dança contemporânea, como em *The Living Monument* de Eszter Salamon, Carmen atravessa fronteiras artísticas. Agora prepara a música para a instalação de vídeo *Landscaping*, fruto de uma colaboração com Salamon e Ircam Paris, um convite a olhar o presente a partir de formas sonoras inesperadas.

Em poucos dias ano será anunciado o seu muito aguardado novo álbum que teremos o prazer de ouvir, em Viseu



Jardim das Artes e das Letras

*INSTALAÇÕES / NEW MEDIA / TEATRO / PERFORMANCES
e GEOCASH POÉTICO*



ARTES VISUAIS | PERFORMANCE: Vento

Sinopse: Pedro Barateiro apresenta a performance "Vento", a partir de um texto escrito pelo artista para ser lido em voz alta. O texto é parte de uma compilação de três textos do artista para serem lidos em público reunidos na edição "Chorar em Público". O Parque Aquilino Ribeiro será o local de encontro entre artista e leitores, num ambiente que cruza texto, voz, som e uma edição, num momento íntimo partilhado por todos.

Duração: 25 min

N.º de Sessões: 1

Data: 3 de julho

Local: Parque Aquilino Ribeiro

Público-Alvo: Geral

Autor: Pedro Barateiro

Pedro Barateiro nasceu em 1979, em Almada, Portugal. Atualmente vive e trabalha em Lisboa. Realizou o Mestrado em Artes Visuais (2006) na Malmö Art Academy, Suécia e estudou na Mamas - Escola de Artes Visuais (2003-2005), Lisboa. Esteve em residência artística no Palais de Tokyo (2008-09), Paris, França; e ISCP - International Studio and Curatorial Program (2007/08), Nova Iorque. Participou na XXIX Bienal de São Paulo (2008), Brasil; 5th Berlin Biennale (2008), Alemanha; 16th Biennale of Sydney (2008), Austrália, Photo España (2008) e Busan Biennial (2006), Coreia do Sul.

Realizou exposições individuais e coletivas em diversas instituições públicas e privadas, das quais se destacam: *Ça & La* (2012), Fondation d'entreprise Ricard, Paris, França; *ReaKt - Views and*

Processes (2012), Capital Europeia da Cultura, Guimarães, Portugal; *Theatre of Hunters* (2011), Kunsthalle Basel, Suíça; *Theory of Speech* (2009), Casa Serralves - Museu de Serralves, Porto, Portugal; *Amanhã não nasce ninguém* (2009), MARCO - Museo de Arte contemporânea de Vigo, Espanha; *Domingo* (2008), Pavilhão Branco - Museu da Cidade, Lisboa; *Art Nova* (2006), Art Basel, Miami Beach, E.U.A.; *What are we doing here?* (2005), Spike Island Artspace, Bristol, Inglaterra; e *Video Exchange/ Premuta de Vídeo* (2002), Rosenberg Gallery & The Commons, New York University, Nova Iorque, E.U.A..

O seu trabalho está presente em diversas coleções públicas, tais como: Deutsche Bank Collection, Alemanha; Fundação EDP, Portugal; Museu Serralves, Porto, Portugal; ARCO Foundation, Madrid, Espanha; BESart - Coleção Banco Espírito Santo, Lisboa, Portugal; CAM - Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; e Fundación "la Caixa", Barcelona, Espanha.

Créditos fotográficos: Mário Varela Gomes, "Ataque aos escritórios da censura", 1974. Cortesia da Fundação Mário Soares e Maria Barroso, Lisboa.

Artista programado pela **Appleton**.



ARTES VISUAIS | INSTALAÇÃO | NEW MEDIA | VALE

Sinopse: VALE é uma caixa de guardar horizontes. Guardando-os, guarda também o público, que é convidado a relacionar o seu corpo – que é cabeça – que é olho – com a paisagem. Ao construir uma espécie de dispositivo ótico de grande escala, Lucas F. Oliveira coloca o público no lugar que moldou a sua conceção de espaço: no centro de um fluxo contínuo entre a Serra do Caramulo e a Serra da Estrela.

VALE é uma instalação multimédia, ativada e percecionada por uma pessoa de cada vez, provocando uma experiência pessoal e individualizada, numa inevitável proximidade com o objeto artístico.

Duração: 11h00-13h00 e 15h00-23h00

Data: 25 a 28 de junho e 2 a 5 de julho

Público-alvo: Geral

Autor: Lucas F. Oliveira

VALE tem apoio à produção da **Movecho**.

Lucas F. Oliveira é um jovem artista visual, de 19 anos, natural de Viseu e residente em Lisboa.

A sua ação criativa parte do interesse pela exploração interdisciplinar do pensamento e das dimensões conceptuais da existência. Atualmente, atua, sobretudo, no domínio da Instalação e Performance Art [“Corpo ao Cubo” (2025), “des.des.construir” (2025)].

Paralelamente à criação, tem feito trabalho de curadoria, programação e moderação em eventos artístico-culturais.

É aluno da licenciatura de Arte Multimédia da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.



Instalação vídeo | Modelo simplificado da realidade multiplicado por Alvess

Sinopse: A arte de Manuel Alvess não necessita de um contexto, necessita de um pretexto.

A realidade da sua arte não precisa de um espelho e não gosta de vermelho.

As cores de Manuel são Alvess e levam sempre limão como os bivalves.

Os bivalves do Alves morrem em Paris e nascem em Viseu. Ui, agora não rimou, como eu.

Duração: projeção de 15 min

N.º de Sessões: 2

Data: 25 e 26 de junho

Local: Ecrã do Parque Aquilino Ribeiro | **Público-Alvo:** a partir dos 6 anos

Autor: Patrícia Portela

Patrícia Portela (1974). Autora de performances e obras literárias, tem um mestrado em cenografia pela Faculdade de Utrecht e em Filosofia Contemporânea pelo Instituto Internacional de Filosofia de Leuven. Estudou cinema e dança contemporânea. Viveu em Macau, Utrecht, Helsínquia, Ebeltoft, Berlim, Antuérpia (durante quase duas décadas), Viseu e Lisboa. É reconhecida “pela peculiaridade da sua obra” que itinera pelo mundo, e recebeu por ela vários prémios das quais destaca o Prémio Madalena Azeredo de Perdigão/FCG para os espetáculos Flatland I (2004) e Wasteband (menção honrosa em 2003). Foi Finalista do Primeiro Prémio Multimédia Sonae/MNACC em 2015 com Parasomnia, Finalista do Prémio de Grande Romance e Novela APE de 2013 com Banquete, e, mais recentemente, finalista do Prémio Correntes d’Escritas e Prémio Ciranda 2022 com Hífen, um romance que Miguel Real, do JL, considerou de “histórico”. É autora de vários romances e novelas, cronista no JL desde 2017 e cronista na Antena 1 por 6 meses em 2019. Foi diretora artística do Teatro Viriato em Viseu durante a pandemia (2020-2022), e da Rua das Gaivotas 6, em Lisboa em 23 e 24.



ARTES VISUAIS | PERFORMANCE AUDIOVISUAL E TEXTO : Love Song

Sinopse: Uma obra sobre crescer com tecnologia, a construção do género e da sexualidade enquanto indivíduo na sociedade ocidental, «Love Song» é uma peça que explora narrativas autobiográficas recorrendo à autoficção, ao documentário e ao ensaio. A obra é enquadrada pela construção da masculinidade e pelas suas implicações em realidades e narrativas inventadas. “Love Song” é uma obra que cruza categorias, apresentada como performance, projeção de filme e instalação.

Duração: 40 min

Público-Alvo: Maiores de 14 anos

Pedro Barateiro nasceu em 1979, em Almada, Portugal. Atualmente vive e trabalha em Lisboa. Realizou o Mestrado em Artes Visuais (2006) na Malmö Art Academy, Suécia e estudou na Mamas - Escola de Artes Visuais (2003-2005), Lisboa. Esteve em residência artística no Palais de Tokyo (2008-09), Paris, França; e ISCP - International Studio and Curatorial Program (2007/08), Nova Iorque. Participou na XXIX Bienal de São Paulo (2008), Brasil; 5th Berlin Biennale (2008), Alemanha; 16th Biennale of Sydney (2008), Austrália, Photo España (2008) e Busan Biennial (2006), Coreia do Sul.

Realizou exposições individuais e coletivas em diversas instituições públicas e privadas, das quais se destacam: *Ça & La* (2012), Fondation d'entreprise Ricard, Paris, França; *ReaKt - Views and Processes* (2012), Capital Europeia da Cultura, Guimarães, Portugal; *Theatre of Hunters* (2011), Kunsthalle Basel, Suíça; *Theory of Speech* (2009), Casa Serralves - Museu de Serralves, Porto, Portugal; *Amanhã não nasce ninguém* (2009), MARCO - Museo de Arte contemporânea de Vigo, Espanha; Domingo (2008), Pavilhão Branco - Museu da Cidade, Lisboa; *Art Nova* (2006), Art Basel, Miami Beach, E.U.A.; *What are we doing here?* (2005), Spike Island Artspace, Bristol, Inglaterra; e *Video Exchange/ Premuta de Vídeo* (2002), Rosenberg Gallery & The Commons, New York University, Nova Iorque, E.U.A..

O seu trabalho está presente em diversas coleções públicas, tais como: Deutsche Bank Collection, Alemanha; Fundação EDP, Portugal; Museu Serralves, Porto, Portugal; ARCO Foundation, Madrid, Espanha; BESart - Coleção Banco Espírito Santo, Lisboa, Portugal; CAM - Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; e Fundación "la Caixa", Barcelona, Espanha.

Crédito fotográfico: Pedro Barateiro, fotograma do filme “Love Song”, 2022-24. Cortesia do artista



INSTALAÇÃO AUDUOVISUAL | Ode a Alvess e Lopes

Sinopse: uma criação concebida por Sandra Oliveira e editada por Guilherme Mesquita. Num ecrã de 10 metros projetam-se vídeos que reúnem os poemas de Adília Lopes e as imagens das obras do artista viseense Manuel Alvess.

No Jardim das Artes e das Letras de 2026, estes momentos surgirão diariamente, após o lusco-fusco, antes e depois dos espetáculos, oferecendo uma pausa que convida ao silêncio e à intimidade com a arte destes dois criadores.

É um convite à contemplação serena, uma experiência onde o olhar e o pensamento podem repousar, em comunhão com as obras expostas. Viseenses e visitantes são convidados a deitar-se em espreguiçadeiras de madeira e ganga, sobre o relvado húmido, nas quentes noites de verão.

Sente-se, envolva-se.

Local: Tela de cinema ao ar livre, diariamente, após o lusco fusco, no Parque Aquilino Ribeiro

Autor: Criação de Sandra Oliveira | Edição de Guilherme Mesquita



Teatro/Performance | Almada/Orozco

Sinopse: Em 2019 Portela teve a oportunidade de visitar os frescos de OROZCO em Cabanas sobre a chegada dos "hispanicos" à América Latina. A ligação aos murais de Almada Negreiros na Gare Marítima de Lisboa foi imediata e incómoda. Como se olhasse num espelho que mostra o avesso da História que nos contaram na escola. Deu por si a imaginar-se num corredor onde, de um lado, está a gare de Alcântara, em Lisboa, que acolheu refugiados na WWII, os soldados regressados da guerra colonial após o 25 de abril, e também a casa das pinturas que Salazar encomendou a Almada para "mostrar a grandiosidade das conquistas portuguesas pelo mundo".

Do outro lado do atlântico, um Orozco documenta a chegada destes "conquistadores". Com fogo. Com sangue. Com crucifixos, armaduras e hábitos assustadores.

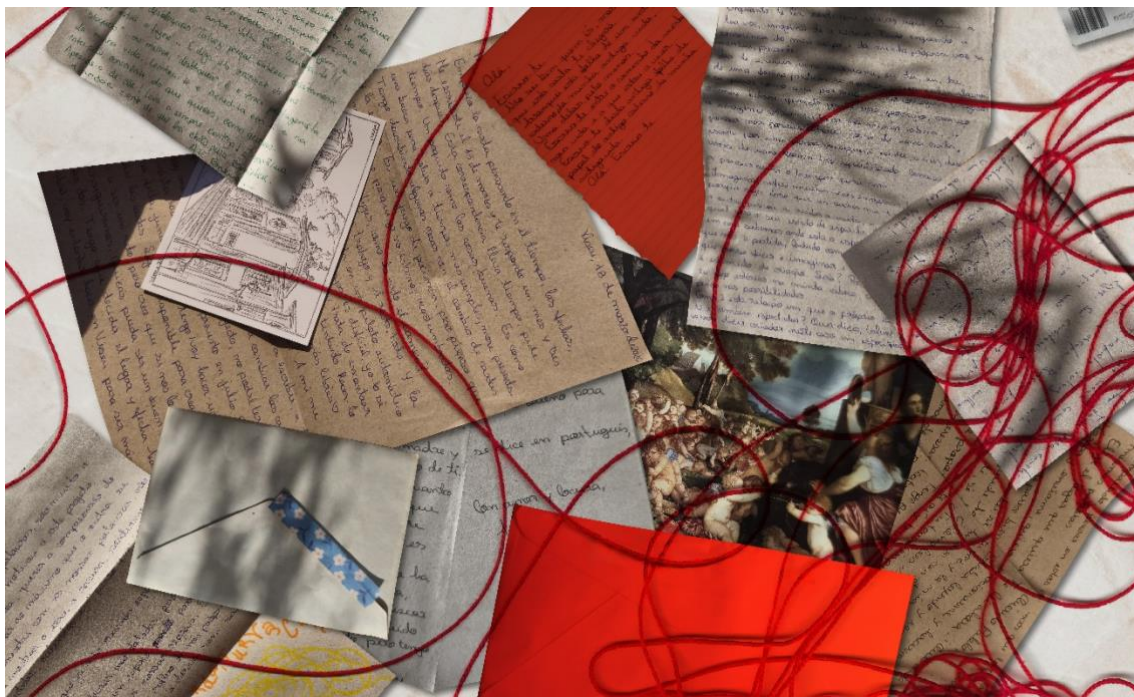
O objectivo desta instalação é fundir estes dois painéis um no outro, como se pudéssemos entrar num espaço e viver em simultâneo, a partida entusiasta dos barcos portugueses e a chegada desastrosa para quem habita o outro lado do atlântico no mesmo corpo.

Duração: 60 min

Local: Parque Aquilino Ribeiro

Autora: Patrícia Portela

Patrícia Portela (1974). Autora de performances e obras literárias, tem um mestrado em cenografia pela Faculdade de Utrecht e em Filosofia Contemporânea pelo Instituto Internacional de Filosofia de Leuven. Estudou cinema e dança contemporânea. Viveu em Macau, Utrecht, Helsínquia, Ebeltoft, Berlim, Antuérpia (durante quase duas décadas), Viseu e Lisboa. É reconhecida “pela peculiaridade da sua obra” que itinera pelo mundo, e recebeu por ela vários prémios das quais destaca o Prémio Madalena Azeredo de Perdigão/FCG para os espetáculos Flatland I (2004) e Wasteband (menção honrosa em 2003). Foi Finalista do Primeiro Prémio Multimédia Sonae/MNACC em 2015 com Parasomnia, Finalista do Prémio de Grande Romance e Novela APE de 2013 com Banquete, e, mais recentemente, finalista do Prémio Correntes d’Escritas e Prémio Ciranda 2022 com Hífen, um romance que Miguel Real, do JL, considerou de “histórico”. É autora de vários romances e novelas, cronista no JL desde 2017 e cronista na Antena 1 por 6 meses em 2019. Foi diretora artística do Teatro Viriato em Viseu durante a pandemia (2020-2022), e da Rua das Gaivotas 6, em Lisboa em 23 e 24.



PERFORMANCE | SOUNDWALK: Rasura, uma carta performance

Sinopse: Rasura é uma *soundwalk* performance que se escreveu a partir da troca de cartas. A performance investiga a correspondência por cartas como uma metodologia de criação teatral enquanto aborda temas como a solidão e a busca por conexão numa sociedade que já não escuta.

As cartas são o arquivo vivo da vulnerabilidade do eu e das relações que aqui se transpõem para o corpo. Através da escuta vamos espreitar o mundo do outro numa realidade que se sente turva, curva e absurda. Enquanto isso, os dias continuam a escrever-se nos silêncios.

Entre o documental e o ficcional, a performance propõe um momento de suspensão, intimidade e partilha coletiva.

Duração: 20 min

N.º de Sessões: 8

Datas: 2 a 5 de julho

- 2 e 3 de julho – 19h00
- 4 de julho – 18h00, 19h00, 20h00
- 5 de julho – 17h00, 18h00, 19h00

Local: Parque Aquilino Ribeiro

Público-Alvo: a partir dos 16 anos

Autor: Ana Jorge Sabença

Nota biográfica: Ana Jorge Sabença é interprete e divide-se entre Viseu e Porto. Mestre de Artes Cénicas- Área de Especialização em Criação Teatral na ESMAE, onde tem desenvolvido projetos entre o teatro e a escrita. Explora temas como a memória, a vulnerabilidade e as relações humanas, tendo como foco a criação de dispositivos que convidam à partilha e à reflexão.



Geocash pedipaper poético : Escrever um poema é como apanhar um peixe | geocash/peddy paper

Sinopse: E nós, de palavras nos ouvidos e olhares postos no jardim, vamos à procura de palavras que construirão o maior dos versos!

Nas correntes de ar, nos rasgos de relâmpago das árvores mais velhas, nos degraus das escadas que não vão dar a lado nenhum. nos pássaros que a voar mais valem mais do que uma cidade branca cheia de pedras.

As instruções dão lugares, os lugares dão imagens, as imagens dão palavras e nós damos-te.o lápis e o papel para poderes escrever a tua obra.

As mais surpreendentes recebem um cheque livro da Poesia Incompleta e recebe em casa os livros escolhidos ou livros surpresa!

Duração: 20 min

N.º de Sessões: 8

Data: 25 de junho a 5 de julho

Local: Parque Aquilino Ribeiro

Público-Alvo: a partir dos 6 anos

* podem pedir os headphones às assistentes do JAL durante todo o dia

Autor: Patrícia Portela | criação a partir da obra de Adília Lopes e suas companhias

Patrícia Portela (1974). Autora de performances e obras literárias, tem um mestrado em cenografia pela Faculdade de Utrecht e em Filosofia Contemporânea pelo Instituto Internacional de Filosofia de Leuven. Estudou cinema e dança contemporânea. Viveu em Macau, Utrecht, Helsínquia, Ebeltoft, Berlim, Antuérpia (durante quase duas décadas), Viseu e Lisboa. É reconhecida “pela peculiaridade da sua obra” que itenera pelo mundo, e recebeu por ela vários prémios das quais destaca o Prémio Madalena Azeredo de Perdigão/FCG para os espetáculos Flatland I (2004) e Wasteband (menção honrosa em 2003). Foi Finalista do Primeiro Prémio Multimédia Sonae/MNACC em 2015 com

Parasomnia, Finalista do Prémio de Grande Romance e Novela APE de 2013 com Banquete, e, mais recentemente, finalista do Prémio Correntes d'Escritas e Prémio Ciranda 2022 com Hífen, um romance que Miguel Real, do JL, considerou de “histórico”. É autora de vários romances e novelas, cronista no JL desde 2017 e cronista na Antena 1 por 6 meses em 2019. Foi diretora artística do Teatro Viriato em Viseu durante a pandemia (2020-2022), e da Rua das Gaivotas 6, em Lisboa em 23 e 24.



CINEMA AO AR LIVRE



CINEMA | DJ AHMET

Sinopse: "DJ Ahmet" é um filme de drama de 2025 dirigido por Georgi M. Unkovski. A história acompanha Ahmet, um rapaz de 15 anos de uma aldeia remota Yuruk na Macedônia do Norte, que encontra conforto na música enquanto enfrenta as expectativas do pai, o conservadorismo da sociedade e seu primeiro amor — uma jovem que já está prometida a outro.

Duração: 99 min

N.º de Sessões: 1

Data: 25 de junho

Local: Parque Aquilino Ribeiro

Público-Alvo: Maiores de 12 anos

- **Diretor:** Georgi M. Unkovski
- **Elenco:** Arif Jakup como Ahmet, Agush Agushev, Dora Akan Zlatanova
- **Línguas:** Turco, Macedônio, Inglês
- **Países de produção:** Macedônia do Norte, República Tcheca, Sérvia, Croácia
- **Prêmios:** Prémio do Público e Prémio Especial do Júri por Visão Criativa no Festival de Cinema de Sundance 2025

DJ Ahmet é uma aclamada comédia dramática de amadurecimento (coming-of-age) do realizador macedônio Georgi M. Unkovski. O filme acompanha um adolescente pastor que entra em rota de colisão com as tradições da sua aldeia ao sonhar ser DJ, tornando-se um fenómeno viral após invadir uma rave com o seu rebanho. É um filme que aborda o eterno choque entre a tradição e a modernidade.



CINEMA | Down to Earth – documentário, aventura

Sinopse: Um casal com três filhos inicia uma viagem de cinco anos por seis continentes, vivendo com comunidades indígenas para descobrir uma nova forma de olhar para a vida.

Duração: 90 min

N.º de Sessões: 1

Data: 05 de julho

Local: Parque Aquilino Ribeiro

Público-Alvo: Maiores de 12 anos

- **Realização:** Renata Heinen e Rolf Winters
- **Argumento:** Rolf Winters
- **Produção:** Cristian Bettler e Rolf Winters
- **Idioma:** Inglês
- **País de origem:** Reino Unido, Estados Unidos



OFICINAS



OFICINA: Propostas em peças | Obra Coletiva

Sinopse: Um conjunto de 3 caixas de madeira, onde reinventamos os objetos de Alvess, através do jogo, com a ideia de tempo que se expande, e de uma mensagem secreta que é enviada a alguém! 3 caixas iguais, com conteúdos diferentes encontram-se à disposição do público, mas sem instruções claras: o acabamento aveludado e as letras douradas remetem-nos para luxo, e algo que aparentemente não está ao nosso alcance. O desafio que temos pela frente é descobrir de que forma se joga este jogo.

1) A partir de Alvess, as caixas de madeira abrem-se para jogos de palavras, ideias e ritmo. Através da repetição, significados redundantes como “Dix Lettres” representam exatamente aquilo que lemos, um puzzle de palavras, em que o utilizador movimenta de forma livre as letras. Quantas palavras consegues formar?

2) Dentro desta caixa está um conjunto de mini cubos com 2 cm de cada lado, que podem ser vistos como algo plano ou tridimensional. Utiliza estes cubos para desenhar linhas no tecido aveludado, ou para construir elementos. Podes utilizar os pequenos cubos como um desafio com alguém, desenhar simetrias, torres em altura, mensagens secretas.

3) Numa caixa de madeira, encontram-se envelopes selados, com o formato mais comum de envelope de correio doméstico. Sem instruções claras, num dos envelopes já está escrita uma morada real em Portugal Continental, sem referência a nome ou outros elementos pessoais. No final do JAL, a expectativa é encontrar todos os envelopes com moradas de visitantes que, entretanto, interpretaram e compreenderam a caixa: com o mínimo de informação, chegamos a um máximo de impacto. Os envelopes deverão ser enviados para as moradas recolhidas, contendo algum material ou obra produzida durante o evento. Vamos juntar-nos a esta obra coletiva?

***Nota:** esta ação decorre de forma livre, sem mediador a orientar a ação. Depois de realizar o puzzle, os participantes devem colocar de novo as letras dentro da caixa, e a caixa no ponto de partida.

Data: 27 e 28 de junho

Público-Alvo: Grupos de famílias, ou amigos, com ou sem crianças, grupos organizados de ATL, campos de férias.

Participantes: 15 (inscrição prévia ou podem juntar-se de forma espontânea no início da atividade)

Autor: Joana Mendonça | Oficina Sibila

Nota biográfica: Oficina Sibila é um projeto de educação artística com raízes na arte contemporânea, com sede na Maia, cidade vizinha do Porto.

Lugar de encontro de gerações, é objetivo da Sibila, ampliar o campo de pesquisa da professora/educadora/artista Joana Mendonça até à comunidade onde vive. Através de parcerias, convidando outros educadores, artistas ou artesãos, em conjunto está a ser construído um caminho coletivo. A Oficina Sibila acredita que, na arte contemporânea, se encontram respostas aos maiores conflitos/dilemas da atualidade e nas suas ações desmistifica a aura artística que afasta a arte dos que realmente a desejam.



OFICINA: A primeira pedra

Sinopse: Primeiro escolhemos uma pedra, uma cor sólida para a pintar. Pintamos a pedra de forma matemática, será que conseguimos? Um terço, uma metade, uma quinta parte? Uma porção matemática, cujo rigor apela aos sentidos estéticos do ser humano, e que Alvess sabia muito bem mexer com o nosso sentido de gosto. As pedras irão formar uma instalação, em forma de linha, no chão.

Todas as pedras devem ser numeradas, assinadas pelo autor, e ter ainda a data. Quem sabe o que irá acontecer a seguir, por onde vão andar as primeiras pedras?

Duração: 1 hora e 30 min

N.º de Sessões: 1 **Data:** 27 de junho

Público-Alvo: Grupos de famílias, ou amigos, com ou sem crianças, grupos organizados de ATL, campos de férias.

Participantes: 15 (inscrição prévia ou podem juntar-se de forma espontânea no início da atividade)

Autor: Joana Mendonça | Oficina Sibila

Nota biográfica: Oficina Sibila é um projeto de educação artística com raízes na arte contemporânea, com sede na Maia, cidade vizinha do Porto.

Lugar de encontro de gerações, é objetivo da Sibila, ampliar o campo de pesquisa da professora/educadora/artista Joana Mendonça até à comunidade onde vive. Através de parcerias, convidando outros educadores, artistas ou artesãos, em conjunto está a ser construído um caminho coletivo. A Oficina Sibila acredita que, na arte contemporânea, se encontram respostas aos maiores conflitos/dilemas da atualidade e nas suas ações desmistifica a aura artística que afasta a arte dos que realmente a desejam.



OFICINA: O castanheiro e o lago

Sinopse: Inspirados no Parque Aquilino Ribeiro, e nas obras do artista Alvess, seguimos as informações colocadas num caderno que nos é entregue! O caderno disponibilizado serve de ponto de partida e suporte das ações, ao mesmo tempo que é o próprio convite: na última página tem descrito um conjunto de desafios que nos irão levar a uma aventura em família. Todos os cadernos feitos à

mão, com os mesmos materiais, as mesmas medidas, e as mesmas folhas variadas, cumprem o rigor metodológico de Alvess. No final da nossa ação, todos os cadernos serão diferentes.

Duração: 1 hora e 30 min

N.º de Sessões:

Data: 28 de junho

Público-Alvo: Grupos de famílias, ou amigos, com ou sem crianças, grupos organizados de ATL, campos de férias.

Participantes: 15 (inscrição prévia ou podem juntar-se de forma espontânea no início da atividade)

Autor: Joana Mendonça | Oficina Sibila

Oficina Sibila é um projeto de educação artística com raízes na arte contemporânea, com sede na Maia, cidade vizinha do Porto.

Lugar de encontro de gerações, é objetivo da Sibila, ampliar o campo de pesquisa da professora/educadora/artista Joana Mendonça até à comunidade onde vive. Através de parcerias, convidando outros educadores, artistas ou artesãos, em conjunto está a ser construído um caminho coletivo. A Oficina Sibila acredita que, na arte contemporânea, se encontram respostas aos maiores conflitos/dilemas da atualidade e nas suas ações desmistifica a aura artística que afasta a arte dos que realmente a desejam.



OFICINA: Uma folha, duas folhas, três folhas

Sinopse: Esta proposta junta uma ideia de comunidade e conjunto aos rituais da obra de Alvess. Em Marronnier (1968), enviou por correio a dezenas de pessoas, uma folha de castanheiro, numerada, numa série em que o castanheiro é literalmente enviado por correio. Nós iremos recolher as folhas das árvores mais bonitas do parque, escrever o número (em ordem) num papel, e o nome da árvore, ao

mesmo tempo que imprimimos a sua textura nesse papel, com a ajuda da tinta acrílica. As folhas irão ser penduradas num estendal coletivo, até ao final da ação.

Duração: 1 hora e 30 min

N.º de Sessões: 1

Data: 04 de julho | **Local:** Parque Aquilino Ribeiro

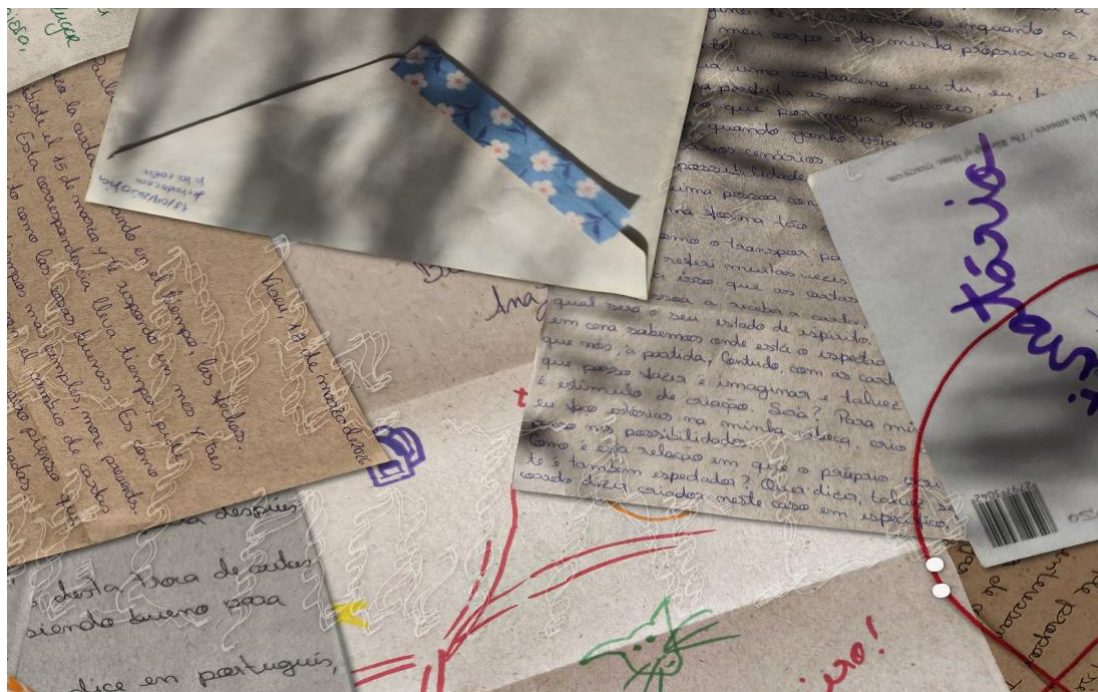
Público-Alvo: Grupos de famílias, ou amigos, com ou sem crianças, grupos organizados de ATL, campos de férias.

Participantes: 15 (inscrição prévia ou podem juntar-se de forma espontânea no início da atividade)

Autor: Joana Mendonça | Oficina Sibila

Nota biográfica: Oficina Sibila é um projeto de educação artística com raízes na arte contemporânea, com sede na Maia, cidade vizinha do Porto.

Lugar de encontro de gerações, é objetivo da Sibila, ampliar o campo de pesquisa da professora/educadora/artista Joana Mendonça até à comunidade onde vive. Através de parcerias, convidando outros educadores, artistas ou artesãos, em conjunto está a ser construído um caminho coletivo. A Oficina Sibila acredita que, na arte contemporânea, se encontram respostas aos maiores conflitos/dilemas da atualidade e nas suas ações desmistifica a aura artística que afasta a arte dos que realmente a desejam.



OFICINA | Escrita criativa: Oficina das palavras viajantes

Sinopse: A Oficina das Palavras Viajantes convida a embarcar numa viagem feita de palavras, envelopes e imaginação. A partir de jogos de escrita, criação de personagens e desafios criativos, os

participantes irão criar cartas para amigos, familiares, animais, figuras míticas e lugares imaginários.

Ao longo da sessão, vamos explorar diferentes formas de contar histórias, expressar emoções e construir narrativas através da palavra escrita e da carta.

A oficina é um convite à viagem criativa por caminhos abertos à imaginação de lugares e pessoas.

Duração: 90 min

N.º de Sessões: 4 sessões

Data: 25 e 26 de junho, 3 e 5 de julho

Local: Parque Aquilino Ribeiro

Público-Alvo: Crianças dos 6 aos 12 anos

Autor: Ana Jorge Sabença

Ana Jorge Sabença é interprete e divide-se entre Viseu e Porto. Atualmente, Mestrada em Artes Cénicas- Área de Especialização em Criação Teatral na ESMAE, onde tem desenvolvido projetos entre o teatro e a escrita. Explora temas como a memória, a vulnerabilidade e as relações humanas, tendo como foco a criação de dispositivos que convidam à partilha e à reflexão.



OFICINA | Letras com Sentido - O Jardim das Palavras Sentidas

Sinopse: “Letras com Sentido” é um atelier criativo, sensorial e inclusivo, desenvolvido no âmbito da Terapia Ocupacional e da Integração Sensorial.

Nesta atividade, cada criança é convidada a escolher uma palavra ligada ao universo do JAL, como arte, jardim, brincar, sonho, livro, corpo, cor ou amizade, e a construí-la visualmente através de diferentes materiais, texturas, cores e formas.

Serão utilizados materiais como lã, cartão, tecidos, botões, folhas, plasticina, rolhas, paus, massas, tampas, papéis e outros elementos sensoriais. Através da construção das letras e palavras, as crianças trabalham competências como motricidade fina, coordenação olho-mão,

planeamento motor, criatividade, atenção, organização, exploração tátil e expressão individual.

No final, os trabalhos individuais serão reunidos num mural coletivo com o nome “O Jardim das Palavras Sentidas”, criando uma peça conjunta que liga arte, letras, corpo e sentidos.

Duração: 45 min

N.º de Sessões: 3

Local: Parque Aquilino Ribeiro

Público-Alvo: Crianças dos 5 aos 12 anos | **Participantes:** 15 a 20 crianças

Autor: Equipa de Terapia Ocupacional da SIRCULOS – Centro de Saúde Integrada

A **SIRCULOS** – Centro de Saúde Integrada desenvolve intervenção especializada na área do desenvolvimento infantil, integrando áreas como Terapia Ocupacional, Integração Sensorial, Terapia da Fala, Psicologia e outras respostas clínicas de apoio à criança e à família.

A **equipa de Terapia Ocupacional da SIRCULOS** trabalha diariamente competências ligadas à autonomia, motricidade fina, coordenação motora, processamento sensorial, autorregulação, participação e desenvolvimento global da criança, recorrendo a atividades significativas, lúdicas e adaptadas ao perfil de cada criança.



WORKSHOP DE CARPINTARIA: Novos Construtores

Sinopse: **Novos Construtores** é um workshop prático de carpintaria concebido para pai /mãe e os filhos entre os 08 e os 14 anos de idade. Em família aprenderão a desenhar e a construir

objetos num ambiente seguro e acolhedor programa introduz as competências básicas de trabalho em madeira, ao mesmo tempo que incentiva a criatividade, a responsabilidade e o trabalho em equipa. As famílias aprenderão a desenhar e construir os seus próprios pequenos projetos, num ambiente seguro, acolhedor e com grupos pequenos.

Perfeito para crianças curiosas que adoram criar, explorar e divertir-se!

Objetivos:

- **Conhecer as ferramentas:** As crianças exploram as ferramentas e materiais de carpintaria, aprendendo sobre segurança no workshop de uma forma divertida.
- **Sonhar, desenhar:** Desde os primeiros desenhos aos planos reais — as crianças desenham o seu próprio projeto.
- **Medir, construir, criar:** Montagem prática, medição e aprendizagem das técnicas básicas de construção — transformando ideias em criações reais, desenvolvendo confiança, autonomia e segurança.
- **Apoio orientado:** Cada criança recebe orientação e incentivo individual para se sentir confiante em cada etapa.
- **Aprender a cuidar:** Limpar e cuidar das ferramentas faz parte da aventura — aprendendo responsabilidade sem parecer uma tarefa.

Duração: 90 min

Data: 28 de junho e 05 de julho **Local:** Parque Aquilino Ribeiro

Público-Alvo: Famílias

Participantes: 5 famílias | **Autor:** Jérémie D’huyvetter

Jérémie D’huyvetter (48 anos) é um carpinteiro, construtor e arquiteto paisagista belga, com uma paixão profunda pela natureza e pelas árvores.

Gosta de partilhar as suas competências e conhecimentos, tendo orientado inúmeros aprendizes na Bélgica e liderado workshops para inspirar outros no trabalho em madeira.

O seu trabalho abrange projetos variados, desde mobiliário e pequenas casas a carruagens ciganas e esculturas de terra, refletindo a sua criatividade, mestria e dedicação ao design sustentável e prático.

Criou e orientou muitos workshops de carpintaria para crianças na Bélgica.

SEGURANÇA E SEGURO

- As regras de segurança são explicadas e cumpridas em todos os momentos
- As crianças devem estar cobertas pelo seu próprio seguro familiar/privado, para além do seguro da cooperativa



OFICINA: Colagem Poética – Um Dilúvio de Palavras

Sinopse: Inspirada na liberdade experimental de Manuel Alvess, esta oficina propõe a criação de uma colagem poética a partir de palavras e imagens encontradas. As palavras surgem como uma inundação de pensamentos, memórias, emoções e imagens. Em vez de construir frases organizadas, os participantes criam uma espécie “dilúvio poético” através da colagem de palavras retiradas de jornais e revistas.

Manuel Alvess utilizava frequentemente fragmentos, sinais, mensagens e elementos do cotidiano para criar novos significados. Esta proposta convida os participantes a explorar essa mesma liberdade criativa.

O objetivo passa por construir uma colagem poética a partir de palavras e imagens encontradas, transformando materiais comuns numa obra artística única e pessoal.

1. Caça às palavras | Cada participante procura palavras, expressões ou pequenas frases que lhe chamem a atenção. Estas não precisam de formar um sentido imediato, devendo ser escolhidas de forma intuitiva.

2. Escolha de imagens | Seleccionam-se entre três e cinco imagens ou fragmentos visuais que despertem curiosidade, emoção ou associação com as palavras recolhidas.

3. Construção do poema visual | As palavras são organizadas na folha como se fossem versos. As imagens são colocadas entre elas, criando pausas, ligações, contrastes ou mistérios. A composição final resulta de associações livres e inesperadas entre texto e imagem.

Tal como em muitas propostas de Manuel Alvess, o sentido não reside numa mensagem única e fechada. Surge da relação entre fragmentos, do acaso e da interpretação de cada observador.

“E se as palavras caíssem do céu como chuva? Nesta oficina, vamos recolhê-las, misturá-las e transformá-las numa paisagem poética feita de fragmentos, memórias e imaginação.”

Duração: 90 min | **N.º de Sessões:** 3

Participantes: 15

Autor: Liliana Bernardo

Liliana Bernardo (1988) encontra na ilustração, na música e na natureza os fios condutores do seu percurso artístico. Crescida junto à Serra da Estrela, herdou dessa paisagem um olhar atento, leve e admirado sobre o mundo, que se reflete no seu trabalho criativo. Reside em Viseu desde 2015, onde tem desenvolvido colaborações com diversos projetos culturais, artísticos e institucionais. Ao longo do seu percurso, articula arte, património e território, destacando-se pela criação de ilustrações inspiradas na fauna regional e pela orientação de oficinas criativas com foco na natureza.



OFICINA | Laboratório de Linhas: Padrões e Carimbos

Sinopse: Nesta oficina, os participantes são convidados a explorar o potencial criativo da repetição, da linha e da impressão artesanal através da construção de composições gráficas originais. Utilizando canetas e marcadores pretos de diferentes espessuras sobre papéis coloridos, serão experimentados padrões, ritmos visuais e texturas criadas a partir de gestos simples. A proposta inclui ainda a criação de carimbos personalizados em massa de modelar e a utilização de carimbos de letras como ferramentas de desenho e composição. Num ambiente de descoberta e experimentação, cada participante desenvolverá uma linguagem visual própria, transformando linhas, marcas e impressões em imagens cheias de identidade, contraste e expressão.

Duração: 90 min

N.º de Sessões: 3 sessões

Data: 27 de junho, 3 e 4 de julho > **Local:** Parque Aquilino Ribeiro

Público-Alvo: A partir dos 4 anos

Autor: Ana Verónica

Ana Verónica (1996), designer e ilustradora de Viseu, é mestre pela Universidade de Aveiro e vive onde o desenho se manifesta, desde o ecrã digital até à escala monumental do espaço público. A sua prática artística é um território de fusão, onde texturas tradicionais, como pastel de óleo, aguarela e recortes de papel, se combinam com ilustração digital. Essa assinatura visual ganha dimensão na arte urbana por meio de murais participativos, transformando a rua num laboratório de narrativa visual partilhada com escolas e comunidades. No âmbito editorial, dá forma a personagens sensíveis em livros como “Afinal os Super-heróis também sentem emoções”, “O Rapaz vestido de Cacto” e “A Menina que sentia Bolhas de Sabão”. Cruzando design, ilustração e educação, Ana Verónica dedica-se a oficinas que promovem o diálogo entre a identidade individual e o coletivo, mantendo a criatividade sempre viva.



OFICINA | Desenhar com flores | Drawing with flowers | Nature Print

Sinopse: A Nature print (impressão natural) é um processo de impressão, desenvolvido no século XVIII, que utiliza plantas, animais, rochas e outros objetos naturais para produzir uma imagem. O objeto passa por várias etapas para dar uma impressão direta em materiais como chumbo, goma e placas fotográficas, que são então usados no processo de impressão. Enquanto algumas fontes afirmam que Benjamin Franklin inventou a impressão natural a partir de moldes de folhas, usando uma prensa de cobre, em 1737 para frustrar falsificadores de cédulas de papel-moeda, outras fontes também relatam que o amigo de Franklin, o naturalista de Filadélfia Joseph Breintnall, teria feito impressões naturais a partir de folhas por volta de 1730. Juntos, eles enviaram impressões naturais, que foram impressas diretamente a partir de tintas de folhas, para naturalistas ingleses.

A prática da artista – Marisa Benjamim – é a partir da técnica que utiliza há mais de 1 década, criar variedades de composições através das plantas, flores e pólen.

Duração: 90 min > **N.º de Sessões:** 4

Data: 25 e 28 de junho, 2 e 3 de julho

Público-Alvo: a partir dos 4 anos **Autor:** Criação de Marisa Benjamim

Marisa Benjamim nasceu em 1981. É formada em escultura e artes visuais pela ESAD das Caldas da Rainha. Vive atualmente em Berlim, onde frequenta o mestrado “Art in Context” da Universität der Künste com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. Fez residências em França, no centro de arte La Maison Laurentine e, em Berlim, na Culturia e Institut für alles Mögliche. O seu trabalho centra-se na relação complexa entre a natureza, a nutrição e o Homem. Tem exposto e apresentado o seu trabalho em Portugal, na Alemanha e resto da Europa, tendo já passado também pelo Tinguely Museum, em Basileia, Humanity Gallery at LIU, em Brooklyn, Bienal Internacional de Arte Contemporânea de Riga ou pelo mercado Boqueria em Barcelona.

Em 2019, a artista desenvolveu, com o apoio do Camões Berlim, um projeto urbano, eco-biográfico de exploração do ecossistema presente num terreno no Tiergarten em Berlim.



OFICINA | Composição musical: Oficina Somos Som

Sinopse: A Oficina *Somos Som* convida os participantes a aceitarem o desafio de olhar para dentro de si e encontrar, de alguma forma, música. Através de uma breve reflexão, serão convidados a expressarem um sentimento específico, primeiramente de forma visual, para que depois sejamos capazes de criar uma canção em conjunto.

Ao longo da sessão, iremos explorar diferentes formas de abordar a composição, investigando alternativas para a letra, melodia e harmonia. Os participantes terão também a oportunidade de confeccionar um instrumento de percussão e utilizá-lo para acompanhar a canção.

A canção final representará um conjunto daquilo que todos expressaram no primeiro momento da oficina, sendo essa tanto um convite à exploração sonora quanto um exercício de autorreflexão.

Duração: 90 min

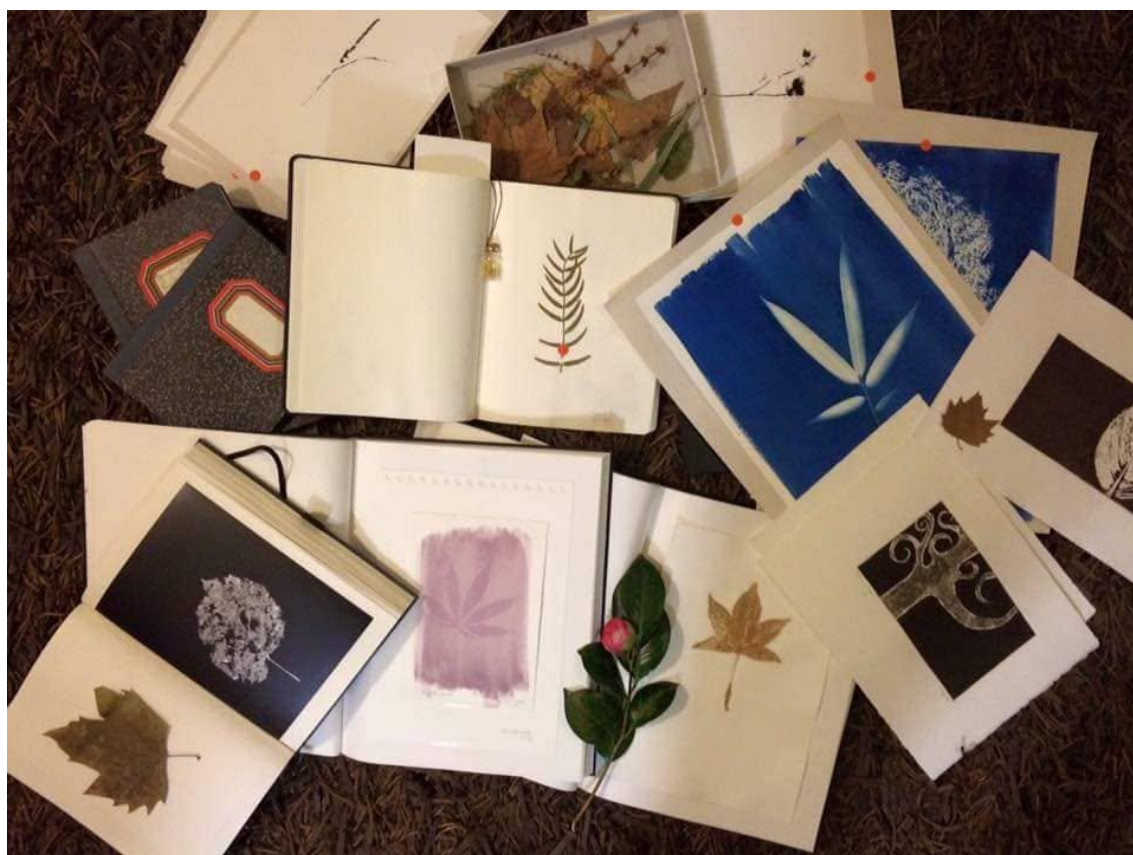
N.º de Sessões: 3

Data: 26, 27 e 28 de junho

Local: Parque Aquilino Ribeiro | **Público-Alvo:** Crianças a partir dos 12 anos

Autor: Davi Santiago

Davi Santiago é um músico residente de Viseu com grandes influências do Folk e da Música Popular Brasileira. Trabalha maioritariamente a solo, fazendo uso da guitarra e da voz para criar suas composições, destacando-se pela textura característica que carrega na última. Mesmo tendo como paixão a música e estando prestes a ingressar no curso de Enfermagem Veterinária, Davi tem uma inclinação natural para o ensino e encontra grande satisfação em dinamizar momentos de aprendizagem e exploração.



OFICINA | Desenhar com a Luz e a Natureza

Sinopse: A partir da obra de António Alvess, esta oficina propõe uma aproximação sensível às relações entre arte, natureza e processos de observação. Recorrendo à técnica das provas de contacto, as

crianças e jovens serão convidados a explorar elementos naturais recolhidos ou disponibilizados no espaço, criando imagens através da ação direta da luz sobre materiais fotossensíveis.

Ao longo de 30 minutos, os participantes terão contacto com um processo fotográfico analógico simples, que estimula a experimentação, a curiosidade e a descoberta. Inspirada nas metodologias de trabalho de António Alvess, a atividade procura promover uma observação atenta do território e dos seus elementos, valorizando a experiência estética e a construção de significados a partir da relação entre o corpo, a matéria e a imagem.

Mais do que um exercício técnico, a oficina pretende constituir um espaço de encontro e interpretação, onde cada participante é convidado a olhar, selecionar e compor, transformando vestígios da natureza em narrativas visuais singulares.

Duração: 20 a 30 min

N.º de Sessões: 2

Local: Parque Aquilino Ribeiro

Público-Alvo: 6 aos 15 anos

Participantes: 10

Autor: Paula Magalhães

Paula Magalhães (1976), natural de Viseu, é artista visual, mestre em Fotografia e Conservação pelo Instituto Politécnico de Tomar, pós-graduada em Multimédia para Educação pela Universidade de Aveiro e licenciada em Educação Visual e Tecnológica pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu. Atualmente é Técnica Superior no Centro de Meios Audiovisuais da ESEV, onde também leciona fotografia, gravura e serigrafia. Desde 1996, desenvolve trabalho na área dos audiovisuais e multimédia na mesma instituição. Nos últimos anos, tem aprofundado investigação em processos fotográficos antigos e alternativos. É membro fundador do coletivo Caos.



WORKSHOP: Expanded instrumental ecologies | Ecologias instrumentais expandidas

Sinopse: O workshop é inspirado no trabalho do artista Manuel Alvess e utiliza conceitos como assemblagens aplicadas em cenários de performance improvisada. Iremos recorrer ao próprio espaço do workshop como método organizacional e usar técnicas como a escrita gráfica (baseada no trabalho de Alves) e a condução para desenvolver a ação performativa. O workshop parte da noção de instrumento como elemento central, mas não necessariamente apenas na sua forma musical. Questionamos quando começa e termina um instrumento, de que forma se interliga com outros instrumentos ou com o ambiente, e que expectativas um determinado objeto pode estabelecer à partida num cenário performativo.

Os participantes são convidados a trazer um objeto que considerem um instrumento, e utilizaremos o espaço do workshop no Parque como forma de expandir e desenvolver a interconexão.

Com apoio do SARC: Centre for Interdisciplinary Research in Sound and Music

Duração: 3 horas

N.º de Sessões: 1

Data: 3 de julho **Local:** Parque Aquilino Ribeiro

Público-Alvo: Praticantes de qualquer forma artística com interesse na improvisação (16+)

Autores: Pedro Rebelo, Michael Speers e Simon Waters

N.º Participantes: 8

Pedro Rebelo é compositor, improvisador, artista sonoro e investigador cujo trabalho abrange composição, som imersivo, escuta aumentada e arte de intervenção social, com projetos participativos financiados pelo AHRC em Belfast, Portugal, Brasil e Moçambique.

Michael Speers (1992) é baterista, artista sonoro e investigador natural do Condado de Down, Irlanda. Actualmente é doutorando no SARC: Centro de Investigação Interdisciplinar em Som e Música, em Belfast. Tem actuado internacionalmente em espaços como: Café OTO, LOM, Les Instants Chavirés, Les Ateliers Claus, Morphine Raum, SARC Sonic Lab, National Concert Hall (Dublin) e no Festival Sonic Acts. Gravações publicadas pela Anòmia, C.A.N.V.A.S., Party Perfect!, Wasted Capital Since 2013, Takuroku, Krim Kram e Feedback Moves.

Simon Waters é compositor, improvisador, intérprete e construtor de instrumentos que ganhou destaque nos anos 1980 como compositor de música eletroacústica, colaborando com várias companhias de dança contemporânea de referência. Director do Festival Sonorities; enquanto programador, trabalhou com a Fylkingen (Estocolmo) e o Ultima Festival (Oslo), e foi responsável pela programação da série Sonic Arts em Norwich durante mais de 15 anos, produzindo mais de 100 concertos. Desde 2016, é também Investigador Associado do Orpheus Institute de Ghent. Tem sido uma figura central na gradual transformação e crescimento da música eletroacústica no âmbito das «Artes Sónicas», influenciando consideravelmente a expansão desta área no ensino superior no Reino Unido. A sua investigação atual explora as continuidades entre o tato e a audição, e debruça-se sobre o espaço entendido como algo que é informado pela presença humana e que a informa, em vez de o conceber como um simples «parâmetro» neutro. O seu trabalho de base prática é contrabalançado por um interesse no entrelaçamento histórico da música com as tecnologias. Tem improvisado, de uma forma ou de outra, ao longo de praticamente toda a sua vida.

JAL | ESTRUTURAS EM PERMANÊNCIA



FEIRA DO LIVRO

A Feira do Livro do Jardim das Artes e das Letras propõe um conjunto de obras que permitem ao público infantil e juvenil explorar essas dimensões da experiência humana.

Entre exemplares em segunda mão, publicações de formatos incomuns e livros de artista, a Feira do Livro transforma o Parque Aquilino Ribeiro num fórum de descoberta literária, entre os dias 25 de agosto e 05 de julho.

Ideia original | Sandra Oliveira

Editoras e Livrarias | Faz de Conto, Libros & Libros, Livraria de Serralves, Matéria Prima, Patanisca & Sardanisca



CANTO POÉTICO

No coração do parque, um palco pequeno e um microfone aberto esperam por quem tenha palavras para dar ao mundo. O Canto Poético é um espaço de expressão livre, onde qualquer voz - tímida ou confiante, experiente ou estreado - pode pousar um poema, uma canção, um fragmento de pensamento.

Este espaço afirma que a poesia não vive só nos livros: vive na boca de quem a diz em voz alta, ao ar livre, rodeado de árvores e de outros que escutam. Um convite à coragem de ser poeta por um instante.

A equipa JAL entende que a liberdade de expressão pode e deve ser valorizada, neste caso dando a todos a possibilidade de dizer poesia para todos e por todos.

Data - 25 de junho até 05 julho

Público-Alvo - Geral

Criação - Sandra Oliveira | Diretora artística dos JAL, VNBM e JE

Produção - Geoff Godeau /cooperativa regenerar – Forniçô |S. Pedro de France



CASA DA ÁRVORE

Aninhada entre ramos e sombra, a Casa da Árvore é uma minibiblioteca com três janelas abertas para o mundo: poesia, arte contemporânea e literatura infantil. Um espaço de descoberta tranquila, onde cada visitante pode sentar-se, folhear, perder-se.

As crianças encontram aqui histórias que as esperam como amigas antigas; os adultos, obras que os desafiam e surpreendem.

Fiel ao espírito do JAL - que acredita na arte e na literatura como alicerces da formação de pessoas livres e curiosas -, a Casa da Árvore é um refúgio para quem ainda acredita no poder silencioso de um livro aberto.

Data - 25 de junho até 05 julho

Público-Alvo - Geral

Criação - Sandra Oliveira | Diretora artística dos JAL, VNBM e JE.

Produção - Geoff Godeau /cooperativa regenerar – Forniçô |S. Pedro de France



ILUMINAÇÃO CÊNICA NOTURNA

Quando a luz do dia cede, o Parque Aquilino Ribeiro não adormece.

Um projeto de iluminação cênica com 128 projetores a bateria redesenha o parque ao anoitecer, criando atmosferas que convidam à contemplação e à permanência.

As árvores centenárias ganham um tratamento especial com luzes decorativas que sublinham a sua presença majestosa e silenciosa.

A noite no JAL é um espetáculo em si mesmo: uma obra coletiva feita de luz, natureza e tempo partilhado.

Data - 25 de junho até 05 julho

Público-Alvo - Geral

Criação - Sandra Oliveira | Diretora artística dos JAL, VNBM e JE.

Produção - Geoff Godeau /cooperativa regenerar – Forniçô |S. Pedro de France



MOBILIÁRIO SUSTENTÁVEL

Quarenta bancos e seis mesas feitos de resíduos da indústria de vidro local. Funcionais, bonitos e conscientes.

O mobiliário sustentável do JAL é em si mesmo uma declaração de valores: a de que a cultura pode e deve dialogar com o território que a acolhe, reutilizando os seus materiais, honrando os seus ofícios, construindo beleza a partir do que outros considerariam desperdício.

Sentar aqui é também fazer parte de uma ideia de mundo mais atento e mais justo.

Data - 25 de junho até 05 julho

Público-Alvo - Geral

Criação - Sandra Oliveira | Diretora artística dos JAL, VNBM e JE.

Produção - Geoff Godeau /cooperativa regenerar – Forniçô |S. Pedro de France



RESTAURANTES POP-UP

Simplesmente Bolo, Château e Petiscaria do Carmo - A experiência do JAL passa também pelo paladar.

Nos períodos das atividades pontuais, três espaços de restauração animam o parque com propostas distintas e complementares: a Simplesmente Bolo, o Château e a Petiscaria do Carmo.

Uma fatia, um copo, um petisco - pequenos prazeres que prolongam a tarde e tornam a visita ainda mais completa.

Porque um jardim de artes e letras também se vive à mesa.

Data – 25 de junho até 05 julho

Público-Alvo - Geral



PLAYGROUND SENSORIAL/SIRCULOS

Brincar não é apenas brincar. É organizar o corpo. É ganhar confiança. É desenvolver autonomia. É preparar a criança para participar melhor em casa, na escola e na vida

Playground Sensorial/ Motor SIRCULOS é uma estrutura de atividade física pensada para desafiar a criança a trepar, equilibrar-se, agarrar, coordenar movimentos, planejar ações, explorar o corpo no espaço e desenvolver competências fundamentais para o seu dia a dia. A SIRCULOS leva até à comunidade um espaço dedicado ao desenvolvimento infantil através do movimento, da brincadeira e da exploração sensorial.

Data – 25 a 28 de junho e 2 a 5 de julho

Público-Alvo - crianças dos 03 aos 16 anos

Autoria: **Sandrina Sousa** | Licenciada em terapia da fala e Mestre em educação especial, conta com cerca de 20 anos de experiência clínica, com intervenção em escolas, hospitais e unidades de cuidados continuados. Tem especialização em Motricidade Orofacial, formação em língua gestual portuguesa e processamento auditivo, coordenando uma equipa multidisciplinar dedicada ao desenvolvimento, reabilitação e bem-estar. fundadora e diretora clínica da SIRCULOS — Centro de Saúde Integrada.

Luana Melo | Licenciada pela Escola Superior de Saúde do Porto e especializada em integração sensorial ASI® de Ayres pela Escola Superior de Tecnologias da Saúde de Coimbra. A sua intervenção centra-se no desenvolvimento infantil, Integração Sensorial, dificuldades de alimentação, desfralde, escrita e perturbações do neurodesenvolvimento. É terapeuta ocupacional na SIRCULOS.



PARQUE DE ESCULTURAS /BICHOS EM MADEIRA

As esculturas de animais em madeira são muito mais do que simples objetos. São pontes que ligam as crianças ao mundo natural, despertando-lhes os sentidos e a imaginação.

Estas peças, que concebemos são simples pintadas com tintas naturais, e deixam espaço para o sonho e a criação. Não dizem o que devem ser, permitem que cada criança lhes dê vida, histórias e significados próprios. Além disso, a madeira tem a força e a estabilidade e ao mesmo tempo ajudam a desenvolver a coordenação e o cuidado. Brincar com animais em madeira é também um convite a olhar para fora, para o mundo dos outros seres com quem partilhamos a Terra, despertando empatia e curiosidade. Num tempo em que tanto nos afastamos do contacto físico, estas esculturas chegam como um abraço à infância, onde aprender é sentir, tocar e imaginar.

O parque é constituído por 14 esculturas, em madeiras diversas, esculpidas à mão e pintada com tintas naturais.

Data - 01 de junho até 05 julho

Público-Alvo - Crianças a partir dos 3 anos acompanhadas pelos educadores/tutores

Criação - Sandra Oliveira | Diretora artística dos JAL, VNBM e JE.

Produção - Geoff Godeau /cooperativa regenerar – Forniçô |S. Pedro de France



CAMA POEMA

Ali está ela, gigante, aberta para o céu, feita de várias madeiras que respiram, pintada com tintas que vêm da terra. No coração do parque, convida-nos a brincar sozinhos, a perder-nos na contemplação — palavras de Manuel Alvess e Adília Lopes à mão, prontas para sussurrar. Um convite para deitar, olhar as estrelas e deixar que a imaginação e a poesia preencham o silêncio que nos abraça. O toque direto da natureza, o cheiro da madeira, o sentir do verde, tudo desperta sentidos, tudo cria espaço para a imaginação se expandir dentro de cada um de nós.

Data - 01 de junho até 05 julho

Público-Alvo - Crianças a partir dos 3 anos acompanhadas pelos educadores/tutores

Criação - Sandra Oliveira | Diretora artística dos JAL, VNBM e JE.

Produção - Geoff Godeau /cooperativa regenerar – Forniçô |S. Pedro de France



BARCO À VELA DE AREIA

Imagina um barco, ancorado na terra, mas pronto para partir, feito de madeiras que contam histórias e pintado com tintas naturais. No parque, este lugar é para os pequenos navegadores, para quem quer explorar, construir castelos de areia e imaginar as viagens que ainda não aconteceram. O contacto com o verde e com a terra faz crescer o corpo, a mente e o coração, dá asas para a criatividade e protege o equilíbrio que os pequenos tanto precisam.

Data - 01 de junho até 05 julho

Público-Alvo - Crianças a partir dos 3 anos acompanhadas pelos educadores/tutores

Criação - Sandra Oliveira | Diretora artística dos JAL, VNBM e JE.

Produção - Geoff Godeau /cooperativa regenerar – Forniçô |S. Pedro de France



CASINHA DA FLORESTA

Esculpida no tempo, feita de madeira e tintas da natureza, aninhada entre as árvores, a casinha é um refúgio para a liberdade da criança. Aqui, o brincar é só dela, uma aventura que respeita o espaço interior e o olhar curioso pela vida. A floresta, o toque da madeira, o cheiro da tinta natural, tudo se junta para alimentar o desenvolvimento do corpo, da mente, do coração — cada coisa que cresce quando se está em contacto com o mundo de forma tão verdadeira.

Data - 01 de junho até 05 julho

Público-Alvo - Crianças a partir dos 3 anos acompanhadas pelos educadores/tutores

Criação - Sandra Oliveira | Diretora artística dos JAL, VNBM e JE.

Produção - Geoff Godeau /cooperativa regenerar – Forniçô |S. Pedro de France



ÁRVORE DAS NOTÍCIAS

Uma peça de madeira, pensada e esculpida com cuidado, instalada em volta de uma árvore, oferece um refúgio silencioso. Um espaço onde o descanso ultrapassa o físico e se torna mental, onde o simples sentar é uma pausa profunda para o encontro consigo mesmo e com a natureza. Ali encontra-se algo raro hoje: o prazer de ler um livro ou jornal impresso, sentir o papel sob os dedos, devagar, longe do ritmo acelerado e do barulho constante do digital. Num mundo invadido por informação rápida e infinitos estímulos, esta peça propõe uma pausa consciente, uma recuperação do valor da leitura calma.

A árvore que abraça essa peça é um símbolo vivo da conexão entre o homem e o mundo natural, um lembrete do que é sólido e efêmero ao mesmo tempo. Aqui, as notícias ganham espaço para se tornarem conversa, para que se escute o silêncio, onde o toque e o cheiro recuperam seu lugar. Mais que um lugar para sentar, esta estrutura é um convite para apreciar a serenidade, a atenção plena e a conexão — presentes cada vez mais raros e preciosos.

Data - 01 de junho até 05 julho

Público-Alvo - Crianças a partir dos 3 anos acompanhadas pelos educadores/tutores

Criação - Sandra Oliveira | Diretora artística dos JAL, VNBM e JE.

Produção - Geoff Godeau /Cooperativa regenerar – Forniçô | S. Pedro de France



CASAS ABRIGO | Estações para estar no parque Aquilino Ribeiro

Duas peças escultóricas com prumos em madeira, pintadas com tintas naturais, foram concebidas para oferecer abrigo e conforto nos dias de canícula. São espaços pensados para proteger do sol, convidando a sentar em família, reunir amigos, jogar jogos de tabuleiro, celebrar aniversários ou até acolher encontros de cientistas ou de artistas. Estas estruturas surgem enquanto equipamentos efêmeros, que se integram com suavidade na paisagem do parque da cidade, trazendo sombra e frescura ao verão. Mais do que simples abrigo, são convites ao convívio e à criação, a momentos partilhados e a experiências que tornam a visita ao parque mais aprazível e cheia de vida. Criadas para responder aos desafios dos dias quentes, estas peças transformam o espaço público num lugar ainda mais humano, acolhedor e vibrante, onde a cidade e os seus habitantes se encontram em harmonia com a natureza.

Data - 01 de junho até 05 julho

Público-Alvo - Crianças a partir dos 3 anos acompanhadas pelos educadores/tutores

Criação - Sandra Oliveira | Diretora artística dos JAL, VNBM e JE.

Produção - Geoff Godeau /Cooperativa regenerar – Forniçô | S. Pedro de France



ZONA DE PIQUENIQUE

Porque a cultura também se faz no tempo lento de uma tarde partilhada, a Zona de Piquenique é um convite ao estar sem pressa.

24 mesas com o total de 144 de lugares no Parque Aquilino Ribeiro compõem um espaço de lazer e convívio onde famílias, amigos e desconhecidos se encontram, descansam e respiram.

É o lugar da conversa que não cabe dentro de portas, do lanche que sabe melhor quando o céu é o teto. No JAL, parar também é programação.

Data - 25 de junho até 05 julho

Público-Alvo – Geral



ZONA LÚDICA PARA BEBÉS

Para os mais pequenos, o parque também reserva o seu canto.

A Zona Lúdica para Bebés é um espaço cuidadosamente pensado para crianças entre 1 e 3 anos, acompanhadas pelos pais ou cuidadores, com brinquedos adequados à sua exploração sensorial, motora e ao seu ritmo de descoberta.

Disponível de 25 de junho a 5 de julho, este espaço parte da convicção - que atravessa toda a programação do JAL - de que brincar é um direito fundamental e que nunca é cedo demais para habitar o mundo com curiosidade e alegria.

Data - 25 de junho até 05 julho

Público-Alvo – Crianças até aos 3 anos

Horário: das 11h00 > 19h00 diariamente

QUEM FAZ ACONTECER?

Direção artística e coordenação – Sandra Oliveira

Direção de produção – Ana Sampaio

Produção – Caty Cardoso, Rita Bártolo e Ricardo Correia

Acessibilidade – Caty Cardoso

Apoio à produção – Marcos Santo, Jonas Barra, Ana Sousa e Luana Amaral

Palcos, som e luz e equipamentos – Pro Events, S.A. e Nelson Almeida, Lda.

Desenho de luz – Sandra Oliveira

Comunicação – Sandra Oliveira e Carolina Vicente

Redes sociais – Carolina Vicente

Design Gráfico – Bruno Lamelas (Celeuma) e Sandra Oliveira

Website – Bruno Lamelas (Celeuma) e Diogo Pereira (Takemedia)

Fotografia – Pedro Vieira

Coordenação de carpintarias – Geoff Godeau, Zigue Zague, Lda.

Elettricidade – João Coelho

Transportes logística – Freguesia de Viseu e Zigue Zague, Lda

Segurança – 3XL

JAL é um projeto criado e produzido pela Pausa Possível. Financiamento: República Portuguesa – Cultura, Juventude e Desporto / **Direção-Geral das Artes e Município de Viseu**

Parceiros

APECV, Câmara Municipal de Viseu , Contemporânea, Plano Nacional das Artes, Freguesia de Viseu, Queens University, Politécnico de Viseu UmbigoMAG

Apoio| Fundação Millennium bcp,

Parceiros média

Celeuma, Diário de Viseu, Jornal do Centro e O Grito e o Cochicho

JARDIM DAS ARTES E DAS LETRAS

MOMENTO II

QUEM FAZ ACONTECER ?

Direção artística e coordenação - Sandra Oliveira

Direção de produção - Ana Sampaio

Produção - Caty Cardoso, Rita Bártolo e Ricardo Correia

Acessibilidade - Caty Cardoso

Apoio à produção - Marcos Santo, Jonas Barra, Ana Sousa e Luana Amaral

Palcos, som e luz e equipamentos - Pro Events, S.A. e Nelson Almeida, Lda.

Desenho de luz - Sandra Oliveira

Comunicação - Sandra Oliveira e Carolina Vicente

Redes sociais - Carolina Vicente

Design Gráfico - Bruno Lamelas (Celeuma) e Sandra Oliveira

Website - Bruno Lamelas (Celeuma) e Diogo Pereira (Takemedia)

Fotografia - Pedro Vieira

Coordenação de carpintarias - Geoff Godeau, Zigue Zague, Lda.

Eletricidade - João Coelho

Transportes logística - Freguesia de Viseu e Zigue Zague, Lda

Segurança - 3XL

JAL é um projeto criado e organizado pela **Pausa Possível**. Financiamento: República Portuguesa - Cultura, Juventude e Desporto / **Direção-Geral das Artes e Município de Viseu**

Parceiros

APECV, Câmara Municipal de Viseu , Contemporânea, Freguesia de Viseu, Plano Nacional das Artes, University, Politécnico de Viseu . UmbigoMAG

Apoio! Fundação Millennium bcp,

Parceiros média

Celeuma, Diário de Viseu, Jornal do Centro e O Grito e o Cochicho

JAL

Jardim das Artes e das Letras

CONTACTOS

Direção Artística - Sandra Oliveira | 961 768 145 |

sandra.silvacoliveira@gmail.com

Serviço de Mediação - Ana Sampaio | 963 188 030 |

anasampaio.jardinsefemeros@gmail.com

Imprensa - Carolina Vicente | carolinavicente.jal@gmail.com

REDES SOCIAIS

Instagram: [**jal_jardimdasartesdastras/**](https://www.instagram.com/jal_jardimdasartesdastras/)

Facebook: [**jardimdasartesdastras**](https://www.facebook.com/jardimdasartesdastras)

CRIAÇÃO / ORGANIZAÇÃO

PAUSA POSSÍVEL
ASSOCIAÇÃO

FINANCIAMENTO

REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO

*dg*ARTES
DIRECÇÃO-GERAL
DAS ARTES

MUNICÍPIO DE
VISEU

APOIO

FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

PARCEIROS

MUNICÍPIO DE
VISEU

FREQUÊNCIA^U

Contemporânea

Queen's
UNIVERSITY

APECV



limbica°

Politécnico
de Viseu

PARCEIROS MEDIA

CELEUMA
creative agency

Diário de Viseu

WWW.
JORNAL DO
CENTRO.PT

o grito
é que
fiche